

# Possibilidades abertas: relações entre pesquisa e acervo em uma exposição de museu histórico<sup>1</sup>

*Luiz Henrique Assis Garcia*

Coordenador do Curso de História da Univale  
luhen\_asgar@yahoo.com.br

## *Resumo*

O seguinte artigo tem o intuito de propor algumas reflexões a respeito das relações entre pesquisa e acervo em um museu histórico, a partir do relato de uma experiência concreta de trabalho, a exposição *De outras terras, de outro mar: experiências de imigrantes estrangeiros em Belo Horizonte*, realizada no Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), em Belo Horizonte (MG) entre 2004 e 2005. Sua premissa é a de que pesquisa confere consistência e sentido ao trabalho realizado num museu, que tem na exposição sua principal forma de concatenação, pois amplia as possibilidades de comunicação dos bens culturais e simultaneamente confere sentido à sua preservação.

*Palavras-chave:* museu, pesquisa histórica, acervo

## *Abstract*

The following article intends to propose some reflections on the relationship between research and collections in a history museum, from the account of an actual working experience, the exhibition “*De outras terras, de outro mar: experiências de imigrantes estrangeiros em Belo Horizonte*”, held at Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), Belo Horizonte (MG) between 2004 and 2005. Its premise is that research provides consistency and meaning to the work done in a museum, to which the exhibition is the main form of concatenation, because it enhances the communication possibilities of cultural heritage and simultaneously gives meaning to its preservation.

*Keywords:* museum, historical research, collections

---

<sup>1</sup> Parte deste artigo foi apresentada anteriormente como palestra na mesa redonda “Acervos e patrimônio: compreender e rememorar a imigração italiana em Belo Horizonte e Minas Gerais”, durante o V Seminário Imigração Italiana em Minas Gerais, realizado na Escola de Arquitetura da UFMG em 2009.

De modo genérico, o ICOM conceitua o museu como

(...) instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, divulga e expõe, para fins de estudo, educação e lazer, testemunhos materiais e imateriais dos povos e seu ambiente (...).<sup>2</sup>

Museus são, em resumo, espaços que congregam a *pesquisa*, a *preservação* e a *comunicação* de bens que compõem o patrimônio cultural de uma sociedade. O reconhecimento deste tripé tornou-se uma obviedade, mas cumpre discutir mais detidamente a forma de equilibrá-lo. Em texto clássico, Vinos Sofka salienta justamente que estas funções, embora interdependentes, devem ser valoradas de forma diferenciada. Para ele, a pesquisa viabiliza as outras funções, uma vez que:

Desejamos saber que objetos coletamos e porquê. Desejamos saber em que medida nossos objetos relacionam-se entre si e, mais que tudo, com o mundo à nossa volta — natureza e humanidade. E desejamos difundir o conhecimento que adquirimos examinando os nossos objetos.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Definição adotada, com algumas variações, desde a 16ª Assembleia Geral do Conselho Internacional de Museus (Internacional Council of Museums), órgão associado à Unesco, fundado em 1946. Disponível em: [http://icom.museum/hist\\_def\\_eng.html](http://icom.museum/hist_def_eng.html). Acesso em 11/07/2010.

<sup>3</sup> SOFKA, Vinos. A pesquisa no museu e sobre o museu. *Museologia e Patrimônio*, vol.II, n. 1, jan.-jun., 2009, p.81.

Reconhecendo as exposições como momento próprio da construção do conhecimento histórico no museu, Letícia Julião caminha na mesma direção quando afirma:

Sem um trabalho precedente de investigação e reflexão sobre o acervo, as exposições se transformam em eventos de mera transmissão de informações, de valorização exclusiva dos atributos intrínsecos dos objetos, destituídos de sentido ou qualquer proposta conceitual.<sup>4</sup>

Se as relações entre as funções são vistas como amalgamadas, vejo a pesquisa justamente como aquela que dá liga, que confere consistência e sentido ao trabalho realizado num museu. Mário Chagas, abordando esta mesma problemática, percebe como base dessa articulação a interpretação do acervo a partir da noção — tão cara aos historiadores — de documento:

O que fazer com o objeto preservado? A preservação por si só não lhe confere, ou mesmo não lhe restitui, o caráter de documento. A preservação não justifica a si mesma, ela é um meio e não um fim. É necessário que ao lado da preservação se instaure o processo de comunicação. (...) Em contra partida, o processo de investigação amplia as possibilidades de comunicação do bem cultural e dá sentido à preservação. A pesquisa, compreendida como produção de conhecimento

<sup>4</sup> JULIÃO, Letícia. Pesquisa histórica no museu. In: *Caderno de diretrizes museológicas I*. Brasília: MinC/IPHAN/DEMU, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006, p. 94.

pode PARTIR do documento, mas pode também CHEGAR a definir novos documentos. A pesquisa é a garantia da possibilidade de uma visão crítica sobre a área da documentação, envolvendo a relação homem-documento-espaco, o patrimônio cultural, a memória, a preservação e a comunicação.<sup>5</sup>

Tomando tais colocações como premissas úteis, e com o intuito de alinhar melhor uma discussão sobre as relações entre pesquisa e acervo, optei por adotar como fio condutor uma apreciação sobre a realização e os resultados de uma exposição com a qual estive profundamente envolvido.<sup>6</sup> Denominada “*De outras terras, de outro mar*”, foi exibida no Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), de Belo Horizonte, entre setembro de 2004 e agosto do ano seguinte. Embora seja uma narrativa que funciona simultaneamente como rememoração e avaliação do trabalho feito, acredito que compartilhar alguma experiência neste caso possa implicar também em sugerir possibilidades, lançar pistas que podem servir de ponto de partida para investigações e reflexões mais aprofundada sobre o assunto. Primeiramente, pretendo abordar a conjuntura institucional em que foi proposta e executada, para em seguida explorar

a experiência de pesquisa e seleção de acervo que propiciou. Mostrarei por fim como a articulação de ambos contribuiu para a abertura de possibilidades de investigação, preservação e comunicação, as três dimensões do trabalho em instituições museológicas.

## **A criação do setor de pesquisa do MHAB**

Entre 1993 e 2003, o MHAB sofreu mudanças estruturais de suma importância para sua renovação.<sup>7</sup> Ao completar 60 anos<sup>8</sup>, a trajetória da instituição a conduzira em direção a perspectivas teóricas e metodológicas contemporâneas da História como área de conhecimento, instigando seu corpo técnico a repensar as concepções até então adotadas sobre os museus históricos de cidades. Como este processo encontra-se bem descrito e avaliado, pretendo apenas destacar que tal postura implicou a análise crítica da constituição do acervo do museu e reforçou a percepção de que a pesquisa histórica deveria ser uma prioridade. Como procurei demonstrar anteriormente, em linhas gerais, o debate realizado naquele período constatou que:

(...) o espaço urbano, ao ser construído

<sup>5</sup> CHAGAS, Mário. Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação. *Cadernos de Museologia*, nº 2, ULHT, Lisboa, 1994, p.39.

<sup>6</sup> Atuei como Coordenador do Setor de Pesquisa do Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), Belo Horizonte – MG, entre 2003 e 2009. Além de coordenar a pesquisa, fui um dos curadores da mencionada mostra, conjuntamente com a então diretora, Thaís V. Cougo Pimentel e o museógrafo Nico Rocha.

<sup>7</sup> Esse período passou a ser denominado “processo de revitalização” no âmbito da instituição. Ver PIMENTEL, Thaís V. C. (org.). *Reinventando o MHAB: o museu e seu novo lugar na cidade (1993-2003)*. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2004.

<sup>8</sup> *MHAB: 60 anos de história: caderno 1 e caderno 2*. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2003.

e disputado, é atravessado por múltiplas temporalidades, modos de apropriação e usos sociais diversificados, e, muitas vezes, conflitantes (...) Deste ponto de vista, tornou-se fundamental para o museu contemplar a diversidade dos documentos e das representações socialmente engendradas sobre a cidade e sua história, bem como democratizar a definição do acervo a ser adquirido, considerando os vários atores sociais que delas participam.<sup>9</sup>

Pelo exame de um documento produzido em 1993, percebe-se que a preocupação em atualizar as concepções historiográficas em uso no museu esteve presente desde o início do processo. A autocrítica então realizada indicava que era preciso abandonar uma *“concepção celebrativa do passado”* e reconhecer a *“pluralidade de memórias que se complementam e se conflitam”*.<sup>10</sup> Recusando a identificação entre a história da cidade e seu passado remoto, defendia a adoção de coordenadas temporais mais flexíveis, reconhecendo o presente como referência necessária. O mesmo texto propunha novos objetos e abordagens, problematizando temas como cotidiano, trabalho e imaginário, *“tradicionalmente negligenciados pelos museus históricos”*.<sup>11</sup> Cumpre ressaltar que essa assertiva, por não ser acompanhada de referências a

pesquisas sistemáticas ou estudos de caso para corroborá-la, reforça o tom da avaliação crítica sobre a própria instituição. No mesmo documento, a adoção de programas de pesquisa era enfatizada como prática fundamental para subsidiar todas as outras atividades a serem realizadas em um museu. Fruto daquele momento inicial de reformulação, o texto deve ser visto como carta de intenções que lançava possibilidades, mesmo sem possuir maior densidade teórica.

Algumas daquelas intenções mereceram maior elaboração posterior. A percepção de que a pesquisa histórica deveria ser uma prioridade consolidou-se. Um diagnóstico indicara a necessidade de realizar um novo inventário, reorganizando o acervo e os procedimentos de processamento técnico segundo critérios contemporâneos. Para além, era proposta a criação de um setor específico para implantar as diretrizes de pesquisa, denominado então de *“Pesquisa e documentação”*. Considerava-se que até então a pesquisa tivera caráter pontual e esporádico no MHAB, com exceção feita ao primeiro esforço de inventariar o acervo na gestão inaugural de Abílio Barreto (1943-1946).

Muito significativa era a crítica feita à cristalização de uma concepção considerada positivista e reducionista, centrada no conhecimento da exterioridade dos objetos, que adotava uma atitude contemplativa e sobrevalorizava aspectos estéticos, considerada então dominante nos museus. As diretrizes então propostas, apoiadas em referências his-

<sup>9</sup> GARCIA, Luiz Henrique A. O lugar da História: intervenções museais no espaço urbano em Belo Horizonte. In: *VII Semana dos Museus USP*. São Paulo, 2009, p.62.

<sup>10</sup> FÓRUM de discussão e elaboração de propostas para o Museu Histórico Abílio Barreto. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 1993. 9f. Manuscrito. (MHAB. Arquivo Administrativo).

<sup>11</sup> Idem.

toriográficas do peso de J. LeGoff e E.P. Thompson, propunham abordar o acervo a partir da noção de documento/monumento e do método de investigação histórica que parte de problemas e interroga fontes estabelecendo um diálogo entre conceito e evidência. A reflexão estabelecia assim bases para um outro olhar sobre o acervo do museu, propondo uma discussão que incorporasse aspectos sociais e culturais à interpretação do mesmo, compreendesse a lógica de sua constituição e guiasse o estabelecimento de uma nova política de acervo<sup>12</sup>.

Juntamente com a adoção de concepções historiográficas mais refinadas e críticas, surgia uma nova forma de entender a cidade enquanto artefato, produto e vetor de relações sociais.<sup>13</sup> O espaço urbano, considerado assim como suporte de memória, ensejava o lançamento de atividades museológicas extramuros que alargassem “*os campos de abordagem da história da cidade*” e atualizassem a relação entre o museu e a comunidade.<sup>14</sup> Alguns projetos foram elaborados utilizando este instrumental teórico, tomando a cidade como um objeto passível de tratamento museológico e propondo

a democratização do conhecimento sobre a mesma. O mais consistente deles propunha itinerários urbanos a serem percorridos pelo público de acordo com recortes temáticos, orientados por guias impressos ou auxiliados por técnicos do museu<sup>15</sup>, bem como instalação de suportes luminosos em vários pontos da cidade contendo material retirado do acervo fotográfico. A pesquisa feita acabou gerando apenas uma publicação.<sup>16</sup> De fato, naqueles anos, a premente necessidade de “arrumar a casa”, garantindo conhecimento e controle básicos do acervo já pertencente ao museu, acabou tornando difícil que propostas e projetos saíssem do papel. De todo modo, o conteúdo dos mesmos serve de evidência da circulação de ideias e conceitos que seriam retomadas posteriormente dentro da instituição.

Em condições bem mais favoráveis, o MHAB deu por encerrado o “processo de revitalização”<sup>17</sup> e pôde retomar iniciativas que haviam ficado em compasso de espera:

A intenção de estruturar melhor o trabalho de pesquisa histórica ganhou forma na criação de um setor técnico específico que a partir de então passou a atuar em diversas frentes de investigação, apoiando a realização de exposições, publicações e outras ações do museu. A criação da Comissão Permanente de Política de

<sup>12</sup> DIRETRIZES para a pesquisa histórica no MHAB. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 1995. 7f. Manuscrito. (MHAB. Arquivo Administrativo).

<sup>13</sup> MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. O museu na cidade x a cidade no museu. Para uma abordagem histórica dos museus de cidade. *Revista Brasileira de História*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 8/9, 1984, p.198.

<sup>14</sup> DIRETRIZES para a pesquisa histórica no MHAB. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 1995. 7f. Manuscrito. (MHAB. Arquivo Administrativo).

<sup>15</sup> CIRCUITOS da memória. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 1995. 6f. Manuscrito. (MHAB. Arquivo Administrativo).

<sup>16</sup> *Belo Horizonte – Circuito da Memória*. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 1997.

<sup>17</sup> Sobre o tema, ver PIMENTEL, *op. cit.*

Acervo, oficializada após a realização de um fórum técnico em maio daquele ano, permitiu finalmente ao MHAB coordenar todo o processo, estabelecendo práticas administrativas e arquivísticas adequadas ao correto encaminhamento de doações, transferências e descartes envolvidos.<sup>18</sup>

Desse modo, a reflexão sinalizava que a disposição de atualizar os métodos de investigação historiográfica implicava também a renovação da política de acervos. Noto que ambos foram criados num mesmo ponto de inflexão na história recente do museu, pois em 2003 o Setor de Pesquisa e a Comissão Permanente de Política de Acervo, eventos em que, na posição de técnico e pesquisador recém incorporado aos quadros do MHAB, estive diretamente envolvido<sup>19</sup>.

Foi ainda neste mesmo ano que se iniciou o processo de concepção da já referida exposição de média duração, prevista para abertura ao público no ano seguinte. Seu título provisório (depois incorporado como subtítulo), “*Experiências de imigrantes estrangeiros em Belo Horizonte*”, deixava clara uma opção metodológica que se propunha a aplicar a atualização então demandada. Já nas primeiras linhas produzidas essa postura ficava evidente:

Quais são as implicações, para Belo Horizonte, da presença dos imigrantes estrangeiros? E, para estes, as implicações

de viver nesta cidade? Temos, antes de tudo, a problematização da cidade em seu espaço e seu tempo, como eixo condutor das interrogações que abordam o fenômeno ‘imigração estrangeira’. Dessa forma, queremos saber que cidade é esta que abre ou fecha portas, que deixa ou impede que sua fisionomia seja marcada pela presença dos que chegam, vindos de outros países. E, da outra ponta, o que os conduz a Belo Horizonte? Qual a diferença entre a cidade esperada e a encontrada? Entre o mundo que deixaram para trás e aquele que encontraram adiante? (...) Desse modo, é através da abordagem das experiências individuais e coletivas dos imigrantes estrangeiros que a pesquisa pretendeu criar condições de entendimento das formas em que tal fenômeno vem ocorrendo em Belo Horizonte.<sup>20</sup>

Desde o início havia a certeza de que tais questões — colocadas no marco atual da historiografia sobre cidades, aberta ao diálogo interdisciplinar e a cortes cronológicos que incorporam a sociedade contemporânea — iriam inevitavelmente trazer desafios para a realização da pesquisa, ao mesmo tempo em que colocariam à prova os limites do acervo pertencente ao MHAB. Ao mesmo tempo, abandonava-se qualquer forma laudatória de narrativa em torno da “contribuição” do imigrante estrangeiro, substituída por uma postura interdisci-

<sup>18</sup> GARCIA, *op. cit.*, p.64.

<sup>19</sup> Um dos fundadores da Comissão, dela fui membro entre jun.2003 e dez.2005.

<sup>20</sup> GARCIA, Luiz Henrique A. ; PIMENTEL, T. V. C. ; VASCONCELOS, L. J. ; RODRIGUES, Rita. L.; BERNARDO, Sirlene ; BARROS, Fabiano B. *De outras terras, de outro mar: experiências de imigrantes estrangeiros em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2004, pp.13-14.

plinar e interrogativa que considerasse sua condição como construção histórica.

Mas o cenário para que os obstáculos fossem enfrentados era favorável. A preocupação da instituição em privilegiar a pesquisa materializou-se na constituição de uma equipe<sup>21</sup> qualificada e academicamente credenciada, organizada a partir do Setor de Pesquisa. As reflexões realizadas até aquele momento propunham uma nova postura diante do acervo — a possibilidade de ressignificá-lo constantemente através de novas perguntas e práticas de investigação, além do reconhecimento de sua limitada representatividade diante de parâmetros de busca que incorporavam outras visões sobre a cidade e seus habitantes. As discussões em torno da política de acervo, por sua vez, sinalizavam a intenção de aprimorar o processo de aquisição, inclusive no sentido de torná-lo mais democrático. Diante disso, cabia imaginar uma exposição em que a pesquisa pudesse levantar e selecionar acervo fora do museu, não apenas em instituições de guarda às quais ele tradicionalmente recorria, mas junto aos próprios cidadãos, localizados a partir de sua condição de imigrantes estrangeiros. É desse trabalho que falarei a seguir.

<sup>21</sup> Agradecimento a todos que participaram. A composição da equipe que coordenei era: Pesquisadores: Lucas Jório Vasconcelos, Rita Lages Rodrigues e Sirlene Bernardo. Estagiários: Fabiano Buchholz de Barros, Joanna Guimarães Fernandes, Denise Costa Nunes Coelho.

## A experiência de pesquisa e seleção de acervo

Dada a complexidade e grande extensão do material produzido durante a preparação da exposição<sup>22</sup>, preferi tratar do assunto a partir de duas chaves, dedicando, em cada uma delas, especial atenção às relações entre pesquisa e acervo. Começarei pela pesquisa realizada a partir do acervo do MHAB, para depois abordar os trabalhos externos, dando destaque aos realizados junto aos imigrantes estrangeiros e seus familiares. Evidentemente, essa separação não se deu durante a prática da pesquisa. Ao contrário: a equipe procurava na cidade o paradeiro e os vestígios das histórias que conhecia através da documentação guardada no museu, e buscava em seu acervo pontos de contato com os fios de histórias puxados nas conversas com as pessoas e nas visitas às suas casas.

A busca pelos imigrantes seguiu basicamente duas linhas de investigação. Uma assinalava trajetórias individuais, naquilo que poderiam evidenciar da experiência da imigração e da ligação do sujeito com a cidade. Era inicialmente guiada por sobrenomes e dados biográficos

<sup>22</sup> Alguns dados estatísticos sobre a pesquisa: n° de pessoas contatadas: 54; n° de pessoas entrevistadas pela pesquisa: 26; n° de pessoas e instituições que cederam material para a exposição: 43; n° de instituições abordadas: 58; n° de itens de acervo identificado: 900. Ver RELATÓRIO Final do Setor de Pesquisa do MHAB sobre atividades realizadas para a exposição *De outras terras, de outro mar... Experiências de imigrantes estrangeiros em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2004. 8f. (MHAB. Arquivo Administrativo).

que podiam ser pinçados na bibliografia consultada ou obtidos “em campo”, através de contatos que fazíamos em lugares identificados a um dado grupo, ou mesmo através de redes de conhecimento inter-pessoal. Outra procurava por momentos e espaços de atuação coletiva, em instituições e empreendimentos participantes das mais diversas esferas da vida social, ou nos recortes cronológicos em que tal atuação pudesse ser contextualizada.

No acervo do MHAB identificou-se documentação pertinente seguindo as duas direções. Devido à forma e à história da constituição das coleções, o inevitável destaque recai sobre o acervo referente às primeiras décadas da história da cidade, especialmente o período da construção da Nova Capital, este particularmente relevante quando se trata da presença dos imigrantes estrangeiros. Na área da construção civil, numa grande gama de atividades, é possível encontrá-la em grande peso. Um dos procedimentos adotados foi mapear, a partir do *Dicionário biográfico de construtores e artistas de Belo Horizonte*<sup>23</sup>, as referências a imigrantes estrangeiros, cruzando-as, através das obras em que estiveram envolvidos, com o acervo fotográfico do MHAB. Encontramos ligações em bom número na maioria dos verbetes. Ape-nas a título de exemplo, segue um ver-bete identificado, associado à descrição da obra e código de catalogação da foto respectiva:

**MORANDI, João.** (Lugano/ Suíça, 1892 – Belo Horizonte, 1936) Construtor e escultor.

Secretaria do Interior/Educação – BH.ALB.08/016; BH.ALB.07/137; BH.CAP.1942/002 AT; BH.CAP.1940/007 AT; BH.CAP.1940/008 AT; BH.CAP.1945/004 AT  
 Secretaria de Finanças – BH.ALB.002/040; BH.ALB.07/138; BH.CAP.1940/006 AT  
 Antigo Mercado Municipal – BH.ALB.01/043; BH.ALB.07/144  
 Antigo Mercado Municipal (reprodução da foto 67) – BH.ALB.002/101  
 Palácio da Justiça – BH.ALB.07/152; BH.URB.1935/008 AT (Av. Afonso Pena, ao fundo o tribunal de justiça); BH.URB.1940/005 AT  
 Conservatório Mineiro de Música – BH.ALB.07/154  
 Estação da Central do Brasil (1920/1922) – BH.ALB.07/160; BH.ALB.012/003; BH.CAP.1933/002 AT; BH.CAP.1950/005 AT  
 Catedral de N. S. da Boa Viagem – BH.ALB.07/169; BH.URB.1940/020 AT  
 Parte lateral da fachada da Catedral da Boa Viagem – BH.ALB.10/040]  
 Cartão Postal. Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem – BH.ALB.1955/013 AT  
 Igreja São José – BH.ALB.07/170; BH.ALB.07/202; BH.ALB.09/38; BH.URB.1955/033; BH.URB.1972/006; BH.URB.1973/078; BH.URB.1973/079; BH.ALB.012/007; BH.ALB.13/081

O mesmo processo de identificação de acervo foi aplicado a todos os nomes que constavam do dicionário, fossem eles empreiteiros, escultores ou mestres-de-obras. Entre tantos nomes encontrados estava o de Luiz Olivieri. Signi-

<sup>23</sup> DICIONÁRIO Biográfico de Construtores e Artistas de Belo Horizonte. Belo Horizonte: IEPHA/MG,1997.

ficativamente, correspondia a este uma coleção específica na instituição, integrante do acervo fotográfico. Dali foram selecionadas uma foto de Olivieri com a família (LO.FOT.003/1910), que compôs o mosaico montado na área de acesso da exposição, e outra dele pintando (LO.FOT.004/1910), posicionada na seção

dedicada aos anos de formação inicial da cidade. Sua trajetória como arquiteto, desenhista, escultor e pintor, atravessa o acervo em outras direções também. É o que mostra o quadro abaixo, elencando objetos tridimensionais que foram expostos, alguns exemplares de sua produção artística e outros de uso pessoal:

Tabela 1. Objetos do Acervo MHAB associados a Olivieri presentes na Exposição

Título	Nº de registro
Estatuetas feitas por Luiz Olivieri (tipos populares) – Manoel Creoulo, Jaburu, Míngote, José Jacinto das Neves, Senhor Sevanir, Manoel das Moças, Muquirana	MHAB – 0058/93; 0059/93; 0060/93; 0063/93; 0064/93; 0065/93; 0068/93
Peça que pertenceu a Luiz Olivieri – cofre artístico com fecho secreto	MHAB – 0042/93
Peça que pertenceu a Luiz Olivieri – despertador – máquina de coar café	MHAB – 0054/93
Bandeja – cinzeiro que pertenceu a Luiz Olivieri	MHAB – 0276/93
Bule p. chá em metal prateado – pertenceu Luiz Olivieri	MHAB – 0309/93
Representação de rosto do Dr. Wenceslau Braz P. Gomes feita por Luiz Olivieri	MHAB 0496/94

A pesquisa abria assim novas possibilidades de leitura para acervos já pertencentes à instituição, contribuindo simultaneamente para aprofundar os conhecimentos disponíveis sobre o mesmo. Foi este o caso da Coleção Barão von Tiesenhausen, formada a partir da compra, em 1995, do acervo da antiga Casa da Lente, importante estabelecimento comercial do ramo fotográfico. Deslocou-se assim o foco, da atividade comercial para

a trajetória de vida, investigada principalmente a partir de um depoimento concedido por Hermann von Tiesenhausen ao Programa de História Oral da FA-FICH/UFMG. Por causa desse novo enquadramento, a seleção de fotografias da coleção seguiu outra direção, ressaltando imagens – em quantidade reduzida em relação ao conjunto – que retratavam sua vida familiar, mesmo que situada em espaços da cidade.

Temos assim indivíduos cuja trajetória a exposição possibilitou abordar em sua dimensão privada e pública. Na maioria das vezes, porém, os registros que encontramos propiciaram mais elementos para mapear a atuação profissional e os empreendimentos empresariais. Isto ficou particularmente evidente para as primeiras décadas do século XX, período que denominamos “Formação da cidade”. Com a conclusão das obras<sup>24</sup>, houve um fluxo bem menor de chegadas, mas foram abertos campos de trabalho propícios para o estabelecimento dos recém-chegados nas áreas em expansão, como comércio, indústria e prestação de serviços. Um rápido exame do acervo fotográfico referente ao período identificado pela pesquisa e escolhido para a exposição mostra bem isso: *Alfaiataria Callotti e Alessio* (BH.URB.1915-005); *Cerâmica Poni e Josué* (BH.URB.1930-007); *Oficinas do Conde de Santa Marinha* (BH.ALB.01-054); *Fábrica de Chapéus de Sol Ferretti* (BH.COT.1915-001); *Padaria Suíça – Padaria Martini* (BH.URB.1915-003); *Coche de Aluguel de Eugênio Volpini* (BH.COT.1905-001).

Nossa investigação constatou que Belo Horizonte não era então a opção inicial “(...) do imigrante estrangeiro ‘em potencial’, a não ser quando nos casos específicos em que a presença de parentes ou amigos lhe permitia vislum-

*brar um começo menos incerto*”.<sup>25</sup> Procuramos então alguma correspondência no acervo, encontrando casos como o do químico e pintor Pedro Micussi. Nascido na Artegna, província de Udne, Itália, no ano de 1885, que aqui chegou aos 25 anos. Vindo de Buenos Aires, foi trabalhar na construção da estação de Pirapora, para só depois estabelecer-se em Belo Horizonte, onde inicialmente trabalhou com o irmão e, em 1922, fundou a Tamietti e Micussi, primeira fábrica de tintas de Belo Horizonte, com a denominação de Fábrica de Tintas Sereia.

Numa feliz conjunção de situações durante o período de preparação da exposição, sua família, incentivada inclusive pela eminência da inauguração, cedeu ao museu uma série de objetos e documentos pessoais que vieram a compor a Coleção Pedro Micussi, motivando o rearranjo dos poucos itens relacionados a ele já pertencentes ao MHAB. Tal oportunidade motivou inclusive uma alteração do módulo expositor dedicado às trajetórias individuais, a fim de dar o devido destaque à coleção incorporada, ainda que tenha sido utilizada também em outros módulos. Esse acervo possibilitava, com raro detalhamento, a investigação de aspectos referentes à vida pública e privada de um imigrante estrangeiro daquele período<sup>26</sup>. Cumpre notar que foi

<sup>24</sup> O recenseamento feito em 1905 mostra 2.486 estrangeiros residentes para um total de 17.615 habitantes, ou seja, aproximadamente 14% da população. Números posteriores evidenciam o declínio da proporção de estrangeiros. Em 1912 eram 11,3%, em 1920 8,7%. Dados do IBGE citados em GARCIA, 2004, p.24.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> De fato, ainda está por ser feita uma pesquisa mais pormenorizada dessa documentação, em especial do diário de memórias em 3 volumes acrescidos de anotações avulsas, que contém várias passagens significativas sobre o cotidiano de Belo Horizonte.

necessário o trabalho conjunto com os setores de Conservação e Processamento Técnico de Acervo do MHAB, articulado pela Comissão de Acervo, numa ação que mostrava na prática a importância de organizar e coordenar os procedimentos.

Desse modo a equipe de pesquisa deu continuidade às investigações mais amplas, enquanto os outros setores complementaram, dentro de suas competências, o estudo para os laudos necessários à conclusão da doação.

Tabela 2. Acervo trajetórias individuais, Coleção Pedro Micussi/MHAB

Título	Tipo de suporte	
Diário de memórias	OBJETIVO	Coleção Pedro Micussi/MHAB
Passaporte/1911/1933	TEXTUAL	
Boletim escolar	TEXTUAL	
Carteira conselho regional de química	OBJETIVO	
Reportagem de jornal	TEXTUAL	
Cartão de visitas	TEXTUAL	
Certidão de casamento	TEXTUAL	
Registro de óbito	TEXTUAL	
Reforma militar, afastamento da Itália (1905); Ordem dos Pioneiros (ofício da PBH de 1973 e certificado)	TEXTUAL	

Uma situação parecida ocorreu também com o acervo que viria a formar a Coleção Raffaello Berti. Seu trabalho como arquiteto podia ser evidenciado no acervo do museu em fotos de edificações que projetara, como a *Casa d'Itália* e o *Colégio Marconi*. A notícia da realização da exposição certamente contribuiu para que, em meados de 2004, Silma, viúva de Mário, filho que conservara com zelo o acervo do escritório (incluindo mais de 500 projetos arquitetônicos) e de parte da biblioteca particular de Berti, oferecesse ao MHAB a doação dessa série de itens. Em função da complexidade e volume dos itens, que demandaram procedimentos mais delongados da Comissão Permanente de Política de Acervo, não

foi possível incorporar a nova Coleção a tempo de utilizá-la na exposição, naquele momento encaminhando-se para o início da montagem. A doação veio a concretizar-se em abril de 2005, e a coleção veio posteriormente a ser tema da 10<sup>a</sup> edição do *Álbum MHAB*, lançada em 2008. De todo modo, guarda ainda grande potencial para pesquisa e utilização em exposições futuras.

Numa outra frente de trabalho, uma pesquisa pormenorizada no acervo textual, com apoio da bibliografia, pôde revelar detalhes do cotidiano das primeiras décadas da história da cidade. Assim foi possível, ainda que obliquamente, extrapolar as evidências mais óbvias que apontavam para as ocupações profissio-

nais ou comerciais. Foi possível tecer considerações sobre condições sociais, relações familiares ou formas de socialização, evidenciadas na criação das associações de socorro mútuo e outras redes de solidariedade, espaços de convivência e de moradia:

Onde morar? Ora, parece ter sido este o problema da maioria dos estrangeiros imigrantes daquela primeira leva, especialmente os operários. Gente que não constava das plantas da cidade planejada. Muitos deles, especialmente os italianos, que formavam o grosso da força de trabalho, foram morar em precários barracões. É claro que se trata de um problema vinculado à condição social dos operários. Em 1896 foi construída uma hospedaria de imigrantes, com capacidade para alojar 200 pessoas. Mas tratava-se apenas de um pouso provisório, como aponta Abílio Barreto citando informações da edição de 10/06/1897 do jornal *A Capital*: entre janeiro de 1896 e maio de 1897, 1.543 indivíduos haviam entrado na hospedaria. Também é significativo notar a participação de imigrantes no ramo da hospedagem, como no caso do espanhol Carlos Monte Verde, que inaugurou o Hotel Monte Verde (1896) e, mais tarde, em sociedade com o polaco Eduardo Spiller, o Hotel Floresta. Examinando relatos sobre a ocupação da cidade, vemos que os espaços marcadamente ocupados por imigrantes estrangeiros traziam o signo da provisoriidade.<sup>27</sup>

A documentação da Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC),

<sup>27</sup> GARCIA, *op. cit.*, pp.35-36.

caso lida com acuidade, pode também dar a conhecer muito sobre as condições de vida durante a construção de Belo Horizonte. Como no registro do subdelegado, capitão Lopes Oliveira, ao engenheiro-chefe, Francisco Bicalho, comunicando a descoberta do cadáver do italiano Francisco Farnanalli, enterado na Serra do Curral. Como a exposição acabou por mostrar, a violência e os conflitos de ordem social faziam-se presentes constantemente entre os imigrantes estrangeiros, muitos dos quais viviam em condições bastante adversas, nos alojamentos e bairros periféricos. Ressaltou-se, neste viés, uma linha de estudo até então pouco explorada da documentação em questão.

As opções metodológicas tomadas provaram-se, portanto, bastante férteis, no sentido de esquadrihar o acervo a partir dos recortes construídos desde a perspectiva da imigração enquanto *experiência*. Pelos resultados alcançados considero que, se não é possível, dentro da dinâmica específica das condições de tempo e trabalho de uma pesquisa voltada para a montagem de uma exposição, aprofundar temas ou arrolar e esmiuçar fontes em grande quantidade, ela pode sugerir direções e instigar trabalhos posteriores de maior densidade.

Tratarei a partir de agora da pesquisa realizada fora das dependências do MHAB. Desde o início, esta foi definida em duas linhas de frente. Uma era a procura por fontes de pesquisa e acervo a ser exposto em instituições (consulados, escolas, agremiações) e empresas (das

grandes indústrias aos negócios familiares) que estivessem de alguma forma associadas ao assunto. Outra era a busca de imigrantes estrangeiros ou, no caso dos falecidos, de seus descendentes, localizados até mesmo pela lista telefônica ou em trabalhos de campo, com o objetivo de obter entrevistas e/ou acervo particular. Se nas primeiras a equipe encontrava, via de regra, uma visão “oficial” que se apresentava no material que lhe era oferecido, era também uma memória triada a que estava guardada nas caixas de sapatos e fundos de armário das casas que visitava. Ainda assim, em geral o acervo ali identificado guardava mais surpresas, acrescidas da recepção atenciosa de que éramos alvo. Muitos foram os itens cedidos por empréstimo, nos mais diversos suportes, por famílias e pessoas das mais diferentes procedências.<sup>28</sup>

Neste ponto, cabe fazer algumas considerações sobre a cessão por empréstimo de acervos para a exposição. Há bastante tempo é corriqueira, em museus, a realização de empréstimos interinstitucionais ou de coleções privadas, pertencentes a indivíduos identificados como colecionadores. Contudo, as transformações realizadas no âmbito da chamada Nova Museologia, a partir da década de 1970, implicaram o simultâneo alargamento da noção de “objeto museológico” (paralelo, de certo modo, à ampliação do conceito de “documento”) e o aumento da participação da comuni-

dade no novo museu.<sup>29</sup> Desse modo foi colocado em xeque o discurso unívoco das exposições, o monólogo museográfico empreendido pelo especialista. Essas mudanças podem ser traçadas, no campo da museologia, tanto nos debates e declarações resultantes dos encontros internacionais da área quanto no surgimento de novas práticas museológicas no âmbito de instituições alternativas que emergiram no contexto em questão, como os museus comunitários, ecomuseus, museus itinerantes, entre outros.<sup>30</sup>

Certamente era o mesmo impulso inovador e democrático que movia a equipe enquanto levantava o acervo pertencente a particulares. Reconhecia-se não apenas as limitações das coleções guardadas pela instituição, mas também a importância de envolver os cidadãos na composição da exposição, trazendo ao público objetos significativos enquanto índices de memória da sua experiência, individual e socialmente. Além de reconhecer criticamente que um museu histórico não poderia pretender açambarcar toda a História e toda a Cidade, era preciso entender que, via pesquisa, seria possível contribuir para a realização das funções do MHAB, no contexto da exposição, mesmo com auxílio de um acervo

<sup>28</sup> Citadas nominalmente nos Agradecimentos em GARCIA, *op. cit.*, pp.113-114.

<sup>29</sup> ALMEIDA, Maria Mota. Mudanças Sociais / Mudanças Museais: Nova Museologia/Nova História — Que relação? *Cadernos de Museologia* nº 5, ULHT, Lisboa, 1996, pp.102-105.

<sup>30</sup> MOUTINHO, Mário. Sobre o conceito de Museologia Social. *Cadernos de Museologia*, nº1, ULHT, Lisboa, 1993, pp.5-6; CERÁVOLO, Suely Moraes. Delineamentos para uma teoria da Museologia. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v.12, jan./dez. 2004, especialmente pp. 258-262.

que não estivesse sob sua guarda.

Assim, os resultados da investigação, organizados nos registros que viriam a ser utilizados na elaboração de legendas e textos referentes a determinados módulos da exposição, de alguma forma preservaram e comunicaram o conhecimento construído a respeito de um universo material específico, testemunhos da imigração estrangeira em diferentes facetas: de carteiras de identidade a livros na língua da terra natal, de objetos de culto religioso a fotografias de família, de instrumentos de trabalho a peças de vestuário, do souvenir casual à recordação de tempos dolorosos. Em alguns destes casos a pesquisa acabou ensejando a aquisição de novos acervos. Uma máquina fotográfica, que pertencera ao estúdio do fotógrafo Misao Nakano, figurou na mostra e foi doada após seu encerramento. Não foi essa, contudo, a regra, e a maior parte do material foi devolvida. Mas não se deve entender esse dado como perda e sim como ganho, na medida em que a realização da exposição ocorreu a contento e o processo de comunicação do conhecimento foi incrementado. Neste sentido, de grande valia foi o vídeo produzido especialmente no dia da inauguração, de acordo com roteiro elaborado pela equipe de pesquisa, que flagrava muitos de nossos colaboradores — além do público em geral — interagindo com o acervo exposto, dialogando com a montagem, reagindo ao espaço. Essa ferramenta inovadora foi posteriormente incorporada à própria exposição, introduzindo as vozes movimentos do

público e os significados atribuídos pelos cedentes a sua narrativa.

As entrevistas, por sua vez, representavam um ganho metodológico importante, na medida em que havia a determinação de abordar uma série de aspectos subjetivos conectados à memória e a experiência de imigração em Belo Horizonte. Serviam também para explorar contextos diferentes, sobre os quais o acervo do MHAB não permitia tratar, como no caso de Michel Le Ven, cujo depoimento permitiu abordar questões referentes ao Regime Militar e às profundas discussões de cunho político e social que permeava a atuação de vários religiosos estrangeiros na cidade. Ou a história de vida dos que fugiram de conflitos e regimes autoritários, como Istvan Farkasvölgyi, que na década anterior deixara uma convulsionada Hungria, para viver numa cidade que a seus olhos pareceu pequena e agradável. Olhar que igualmente se revela nas palavras da jovem Tsz Kwan Candice Chow, ao comparar a contemporaneidade da capital mineira ao ritmo frenético de Hong Kong.

Cumprir notar que os depoimentos, gravados em fita e transcritos, passaram a compor o acervo do MHAB, ainda que até a presente data ainda não tenha ocorrido uma decisão definitiva quanto à forma de seu arranjo e processamento técnico. No caso da exposição, os depoimentos foram explorados tanto na forma de áudio, disponibilizados através de aparatos denominados *soundtubes*, quanto transcritos, expostos em trechos utilizados na composição de painéis. Os

depoimentos assim expostos desempenharam um papel muito importante no estabelecimento da narrativa historiográfica proposta para a exposição, pois eram simultaneamente fontes documentais e resultado do trabalho de rememoração resultante da interação entre pesquisadores e entrevistados. A seleção de acervo feita junto a particulares guardou um pouco dessa mesma textura, uma vez que o processo também foi marcado por uma intensa negociação entre aquilo que o historiador e o cedente consideravam representativo para contar a história.

O que é importante salientar, em relação ao trabalho externo de pesquisa e seleção de acervo, é a forte relação deste com o exercício da capacidade de autocrítica da instituição. Aqui também se aplica o que escrevi discutindo outras ações realizadas pelo MHAB em anos recentes:

Na prática, a seleção do acervo comprovava o que já era intuído nos debates que pautavam as reuniões em torno da política de acervo no MHAB: o que a instituição possuía não dava conta das questões que passáramos a formular. Para perceber e dar voz a diversos atores, até então silenciados, esquecidos, a dimensões da experiência urbana até então negligenciadas, era indispensável ir à cidade, e, mais ainda, não esperar que 'ela' fosse ao museu.<sup>31</sup>

Buscar os imigrantes estrangeiros e seus familiares efetivava a noção de que o contato dos pesquisadores com os cida-

dãos deve ser transformador da realidade social: ao "(...) *aprender os significados sociais dos lugares históricos através da sua discussão com as audiências urbanas (...)*"<sup>32</sup> o historiador atua como mediador em um processo de democratização do conhecimento histórico sobre a cidade. Se o museu, em sua configuração tradicional, representa uma espécie de "templo" ou "castelo" inexpugnável para grande parte do público, trazer o acervo pertencente e a fala produzida por esse público para dentro da exposição — ambos incorporados como fontes de produção de conhecimento e não elementos decorativos e/ou exóticos — ajuda a escancarar suas portas.

### **Possibilidades abertas**

*"De outras terras, de outro mar..."* foi a primeira exposição em que trabalhei de forma detida e sistemática, desde a concepção até a inauguração. A maior dificuldade, para o pesquisador que não tem ideia do que deve ser fazer isso, é entender que o resultado da pesquisa será a exposição e não o texto. Mesmo com a produção do catálogo, ou tendo toda a documentação escrita que foi produzida durante o trabalho, registrando o processo do início ao fim, a efetiva comunicação do conhecimento produzido ocorre quando se percorre a exposição. Creio que ao fazê-lo, qualquer um poderia vislumbrar uma série de temas e possibilidades de

<sup>31</sup> GARCIA, *op. cit.*, p.68.

<sup>32</sup> HAYDEN, Dolores. *The power of place: urban landscapes as public history*. Cambridge, Massachusetts: The MIT press, 1996, p.13.

investigação sobre a história da imigração estrangeira na cidade de Belo Horizonte.

Certamente isso aconteceu com os próprios técnicos e pesquisadores do museu, pois entre seus resultados é possível reconhecer a realização do *Álbum MHAB 2005*, diretamente derivado da exposição e algumas aquisições de acervo para as quais forneceu motivação ou pelo menos, pano de fundo. Sem esquecer os inestimáveis ganhos em experiência de pesquisa e seleção de acervo. As Coleções de Berti e Micussi foram ainda componentes integrados à exposição *Novos acervos – MHAB 2003-2008*, que permanece em cartaz desde fevereiro de 2008.

Por fim, gostaria de considerar que a exposição configura artefato comunicacional destinado a provocar fagulhas, a instigar a curiosidade, a levar ao público mais amplo possível a convicção de que um museu histórico não é lugar dedicado a guardar os testemunhos infalíveis de uma história bem acabada sobre qualquer coisa, mas sim um espaço em que a história é conhecida e rememorada a partir dos vestígios que se escolhe preservar e tornar acessíveis de modo organizado e compreensível para seu público. Na medida em que se abre a cidade ao museu, que o museu se abra à cidade.

## **Bibliografia**

ALMEIDA, Maria Mota. Mudanças Sociais/Mudanças Museais: Nova Museologia/Nova História — Que relação? *Cadernos de Museologia*, nº 5, ULHT, Lisboa, 1996, pp.99-118.

CERÁVOLO, Suely Moraes. Delineamentos para uma teoria da Museologia. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v.12, jan./dez. 2004, pp. 237-268.

CHAGAS, Mário. Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação. *Cadernos de Museologia* nº 2, ULHT, Lisboa, 1994, pp. 29-47.

GARCIA, Luiz Henrique A. O lugar da História: intervenções museais no espaço urbano em Belo Horizonte. In: *VII Semana dos Museus USP*. São Paulo, 2009, pp. 62-70.

GARCIA, Luiz Henrique A.; PIMENTEL, T. V. C.; VASCONCELOS, L. J.; RODRIGUES, Rita. L.; BERNARDO, Sirlene; BARROS, Fabiano B. *De outras terras, de outro mar: experiências de imigrantes estrangeiros em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2004 (Catálogo de exposição).

HAYDEN, Dolores. *The power of place: urban landscapes as public history*. Cambridge, Massachusetts: The MIT press, 1996.

JULIÃO, Letícia. Pesquisa histórica no museu. In: *Caderno de diretrizes museológicas I*. Brasília: MinC / IPHAN / DEMU, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura / Superintendência de Museus, 2006. p. 94-105.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. O mu-

seu na cidade x a cidade no museu. Para uma abordagem histórica dos museus de cidade. *Revista Brasileira de História*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 8/9, 1984, pp. 197-205.

MOUTINHO, Mário. Sobre o conceito de Museologia Social. *Cadernos de Museologia* n<sup>o</sup>1, ULHT, Lisboa, 1993, pp.5-6.

PIMENTEL, Thaís V.C. (org.) *Reinventando o MHAB: o museu e seu novo lugar na cidade (1993-2003)*. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2004.

SOFKA, Vinos. A pesquisa no museu e sobre o museu. *Museologia e Patrimônio*, v. II, n. 1, jan./jun. 2009, pp.80-84.

*Submetido em: 12 de Julho, 2010*  
*Aprovado em: 8 de Setembro, 2010*

